

## A MENTE DO ANALISTA EM FORMAÇÃO: DA ESCUTA À INTERPRETAÇÃO\*

Raul Hartke\*\*

Partindo da descrição de Money Kyrle sobre o que ele denomina "momentos de não compreensão" durante a sessão e adotando o ponto de vista de que a situação analítica envolve sempre e necessariamente três grupos de componentes básicos, enumero um grupo destes componentes caracterizáveis como "terceiros virtuais", saliento os que são peculiares à mente do analista em formação (analista didata, supervisor, professores, instituto) e procuro então estudar a relação dinâmica do analista com tais componentes naqueles momentos de não compreensão.

Em termos gerais descrevo formas harmônicas colaborativas e formas desarmônicas desta relação, subdividindo estas últimas em esquizoparanóides e melancólicas.

Nas interações harmônicas colaborativas os "terceiros virtuais" funcionam como auxiliares silenciosos e inspiracionais do analista na sua tarefa precípua de promover mudanças psíquicas objetivando o crescimento mental do analisando. As interações desarmônicas esquizoparanóides com os terceiros giram todas basicamente em torno do eixo perseguição e idealização. As melancólicas, estão centradas no sentimento de irreparabilidade e, conseqüentemente, de incapacidade do analista ou da análise para lidar com tais momentos de não compreensão.

### Introdução

Meu objetivo neste trabalho é examinar alguns fenômenos psicodinâmicos que ocorrem dentro da mente do analista em formação, no momento em que está na sessão com o seu paciente, em função de sua peculiar situação, isto é, estar em análise didática, em supervisão e ligado ao Instituto. Isto caracteriza uma relação a dois onde existem "terceiros virtuais".

Considero, em consonância com vários autores, como Baranger e Baranger (1961/62), Thomä e Kächele (1985), Chasseguet Smirgel (1988, 1992) e Green (1986), que, na verdade, em todas as relações analíticas, sempre existem terceiros virtuais. Assim, para começar, conforme todos podemos constatar, tanto o paciente como também o analista estão sempre às voltas com a presença fantasiada de outras pessoas dentro da relação analítica, tais como, na mente do analisando, os demais pacientes, os familiares do analista etc... e, na mente do analista, os pais do paciente, seu cônjuge, o colega que o encaminhou, seus próprios pais, demais familiares, seu analista, e assim por diante, todos eles podendo desempenhar um papel dinâmico na situação. Mas, além disto, o paciente e o analista estão ali, conforme o escrutínio psicanalítico pode evidenciar, cada qual mais ou menos dissociado em diferentes partes dentro de si mesmos, as quais tendem a interagir entre si e com o outro como se fossem distintas personagens. Assim, o analista está dividido entre uma parte de si que vivencia junto com o paciente o que este está sentindo, e outra que precisa analisar isto, e estas partes nem sempre interagem sem conflitos. O paciente, por seu turno, está, supõe-se, ainda mais intensa e patologicamente dissociado em partes conflitantes de si mesmo. Finalmente, ambos, analista e paciente, para que o processo analítico possa se instalar e manter, precisam estar submetidos às regras do setting, que, conforme observam, por exemplo, Chasseguet Smirgel (1988, 1992) e Green (1986), funcionam dinamicamente num papel de terceiro nesta relação peculiar. Chasseguet Smirgel (1988) vê o setting como representando a presença do pai, do corte paterno na relação uterina que o paciente (e também uma parte do analista) deseja viver com o seu analista/mãe. A

meu ver, mesmo na relação mais primitiva do bebê com sua mãe, ou mesmo do bebê com o seio, existe já um terceiro, no sentido de algo que funciona como uma interferência, um limite, que, neste caso, como destaca Meltzer (1992), é o mamilo, vivenciado pelo bebê como algo que impede a desejada gratificação ininterrupta e ilimitada. Por tudo isto, Baranger e Baranger (1961/62) dizem que "o par analítico é um trio com um dos seus integrantes ausentes de corpo e presente em vivência" (p. 132) e Thomä e Kächele (1985) referem-se à situação analítica como "um tipo de relação dual com a presença virtual do terceiro", denominando-a, então, de "tríade menos um" (pp. 20/21).

A questão que me proponho examinar neste relatório é como fica esta situação no mundo interno do analista quando, como é o caso do analista em formação, estes terceiros virtuais têm a possibilidade e o poder reais de acesso e ingerência na sua vida profissional.

### 2. Um Modelo Teórico da Relação Analítica

Money Kyrle (1955) estudou o que eu descreveria como a dinâmica da relação analítica, e suas idéias a este respeito serviram-me como um modelo teórico muito útil para que eu pudesse pensar e organizar o assunto em foco.

Segundo este autor, o que leva o analista a procurar tratar os seus pacientes é, em parte, uma curiosidade, mas sobretudo, segundo ele, impulsos reparadores e parentais. O paciente deve, em certa medida, representar objetos danificados do analista ainda ameaçados pela agressão e, portanto, necessitando de reparação. Quanto ao aspecto parental, embora o paciente possa representar vários objetos para o analista, é sobretudo numa situação inconsciente de filho que ele o coloca, sendo necessário lembrar, no entanto, que para todos nós um filho representa também, em parte, um aspecto primitivo de nós mesmos, e isto é importante porque, só na medida em que o analista pode reconhecer e aceitar em si próprio suas partes primitivas, poderá ser capaz de percebê-las e tratá-las no seu paciente.

Mas então o que ocorre durante a relação terapêutica?

Num primeiro movimento, o paciente fala, age, enfim, produz material, e o analista, através da identificação introjetiva, absorve isto que está sendo colocado nele e então entende o paciente dentro de si, porque reconhece algo disto em seu próprio mundo interno, isto é, faz uma identificação, parcial naturalmente, com o paciente. Elabora então isto dentro de si e, num segundo movimento, reprojeta, de forma elaborada, estes aspectos através da interpretação, e com isto também trata tora de si uma parte sua, atendendo então aos seus impulsos reparadores e parentais. Enquanto estes movimentos vão ocorrendo da forma descrita, o analista experimenta uma sensação de compreensão e labor produtivo, e o paciente sente-se entendido e tratado. Em suma, o processo analítico caminha bem e estamos diante da contratransferência normal. Mas como o paciente nem sempre consegue, ou mesmo deseja cooperar, e como o analista não é onisciente, ficando com a compreensão mais ou menos bloqueada por certos pontos cegos, mais cedo ou mais tarde, mas com regular freqüência, este processo introjetivo projetivo sofre um

estancamento. Cria-se assim o que MoneyKyrle chama de um período de não compreensão como sentimento, no analista, de que o material ficou obscuro, de que o fio da meada foi perdido, e isto tende a gerar uma tensão tanto no analista como no paciente. A tensão no analista ocorre devido a algo inerente ao tipo e às motivações do trabalho que ele está fazendo, pois, quando não compreende o material do paciente, fica impossibilitado de usar o único modo para ele disponível de realizar suas necessidades parentais e de reparação, isto é, a interpretação. O grau da perturbação emocional no analista dependerá então do quanto ele necessita de um reassentamento de constante sucesso (e aqui eu incluiria então a questão do narcisismo do analista) e, principalmente, segundo Money Kyrle (1955), da severidade de seu próprio superego, já que a análise é também um trabalho que este objeto interno exige de nós. Quando este superego é muito severo, o analista fica dominado por um sentimento inconsciente de culpa persecutória ou depressiva, que lhe desperta uma sensação de fracasso e o leva a ficar com o paciente introjetado dentro de si como algo incompreensível. Ou, então, como defesa contra tais sentimentos, ele projeta esta culpa persecutória ou depressiva no paciente, que passa, assim, a ser um objeto apenas externo, incompreensível.

Money Kyrle (1955) observa que, diante desta situação, temos três fatores a considerar:

1. A perturbação emocional do analista, que neste momento está sobrecarregado com o que o paciente colocou nele e com as partes antigas e imaturas de si mesmo, ainda não suficientemente tratadas, muitas vezes responsáveis pela não compreensão do material. Como diz o autor, o analista vai "... ter que ocupar-se silenciosamente (com esta perturbação) dentro de si, até poder desembaraçar-se suficientemente para entender os outros dois fatores" (p. 333);
2. a parte do paciente como causadora da perturbação, por ter colocado partes sua; dentro do analista, via identificação projetiva; e
3. o efeito que a perturbação no analista terá sobre o paciente.

No geral, esta situação de contratransferência perturbada se resolve e o processo volta ao seu caminho "normal", mas Money Kyrle (1955) frisa que é este exatamente o ponto onde se originam os desvios da contratransferência normal necessária e útil levando o analista a quebrar o setting, substituindo a interpretação, por exemplo, por alguma forma de atuação. Por outro lado, é o momento no qual, como refere o autor "... o analista, pela análise silenciosa de suas próprias reações, pode aumentar seu insight, diminuir suas dificuldades e aprender mais a respeito de seu paciente" (p. 341).

Assentada então a importância destes momentos de não compreensão e considerando que é exatamente ali onde os diferentes componentes e as distintas forças em jogo na situação analítica ficam mais explícitos e discriminados, pretendo a seguir examinar, conforme já referi, alguns fenômenos psicodinâmicos que, nestes momentos, podem ocorrer na mente de um analista em formação, e como isto tende a influenciar sua escuta, compreensão e interpretação.

### **3. A mente do analista em formação durante os momentos de não compreensão**

Para efeito de estudo, considero útil apresentar, inicialmente, de um modo evidentemente simplificado, quais as principais personagens que avultam na mente do analista nestes períodos de não compreensão. Eu as sintetizaria assim:

- a. A parte do paciente junto com a parte do self do analista que não estão sendo compreendidas e que funcionam então como uma espécie de objeto não digerido, uma personagem à procura de alguém que possa pensá-la.
- b. A parte analítica do self do analista que não só quer, como necessita, desempenhar a função analítica, isto é, a função de pensar a experiência emocional que está ocorrendo naquele momento.
- c. Os terceiros virtuais peculiares ao analista em formação. Incluo aqui seu analista didata, seu supervisor, o Instituto e seus professores. Separo o Instituto como algo à parte, porque considero que, frequentemente, ele de fato assim fica, na mente do analista em formação, personificado muitas vezes numa temida e/ou idealizada "comissão de ensino". Quanto aos professores, eles estão ali virtualmente presentes através da teoria que no momento está na mente do analista. E aqui adoto, integralmente, a idéia de que não existe a possibilidade de um acesso imediato e direto à realidade a não ser com o auxílio de algum instrumento teórico. Como disse Freud (1915), "mesmo na fase de descrição, não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações" (p. 137). Eu diria, seguindo Bunge (1974) e Bion (1962), que nós só conseguimos pensar a realidade através do uso de "modelos". O mais provável é que, no caso do analista em formação, estes modelos sempre presentes sejam mais toscos e, sobretudo, menos explicitados para ele mesmo, o que o leva, assim, a trabalhar com um instrumento que é seu, mas que ele não conhece bem. Com isto o modelo corre o risco de controlar o analista ao invés de ser um instrumento a seu serviço. Sandler (1992) observa que as teorias psicanalíticas da técnica, e isto mesmo no caso de uma boa técnica, têm sempre uma "face pública", que é a que o analista conscientemente adota, e outra "face privada", às vezes bastante diferente da primeira. A "face privada" é constituída, em grande parte, por "organizações mentais inconscientes", baseadas no que o analista está obtendo em sua análise, professores, leituras e experiência clínica. Estas organizações ou part theory, como ele também as chama, são apenas parcialmente acessíveis à consciência, e é importante que procuremos explicitá-las para nós mesmos e debatê-las então com os demais. Isto não apenas nos faz conhecê-las melhor, identificando suas vantagens e problemas, como também, eventualmente, pode levar à formação de uma nova teoria sistematizada ou a modificações nas anteriores. Por outro lado, quanto menos explicitadas, mais estas organizações conceituais ficarão como algo fora do controle consciente do analista, como uma personagem oculta, desconhecida, mas ativa.
- d. Finalmente, temos dentro da mente do analista os demais objetos de seu mundo interno, os quais, no entanto, nestes momentos de não compreensão, estarão na sua maior parte mormente seus objetos primordiais projetados nos terceiros virtuais acima referidos, ou seja, estarão transferidos para eles.

Descreverei agora algumas interações psicodinâmicas que podem ocorrer na mente do analista entre seu objeto não digerido, seu self analítico e os terceiros virtuais, e como isto pode se externalizar na sua relação com seu paciente.

Para fins de exposição organizarei estas possíveis interações em dois grandes grupos, numa tentativa de formar um esboço de mapa para uma orientação inicial neste complexo território em estudo, esboço este que poderá e mesmo deverá ser aprimorado, complementado ou, inclusive, modificado pela experiência de cada analista em formação.

#### **a. Interações harmônicas colaborativas**

Nestes casos os terceiros virtuais funcionam como auxiliares silenciosos do analista na sua tarefa precípua de compreender o objeto não digerido. O analista didata se faz presente, num sentido geral, na forma de um objeto pensante que ajuda a "equipar" (Meltzer, 1967) o self analítico do analista de um modo tal que sua capacidade de continência fica ampliada. Isto se evidencia, nestes momentos, através da presença daquilo que Keatz, citado por Bion (1962), descreve como "capacidade negativa", ou seja, a capacidade de uma pessoa suportar incertezas, mistérios, dúvidas, sem necessitar procurar, angustiada e precipitadamente, o fato e a razão. Se assim puder proceder, mais cedo ou mais tarde evidenciará em sua mente um fato selecionado que precipitará o surgimento de um modelo. Este, então, possibilitará ao analista dar uma representação mental à experiência emocional do momento. De um modo mais específico, o analista didata também estará presente como alguém que,

através dos insights que já ajudou o analista em formação a adquirir, o possibilitou a estar melhor equipado para eventualmente conseguir entender qual ponto específico de sua psicopatologia foi mobilizado e, por não estar ainda suficientemente tratado, contribuiu para a instalação do período de não compreensão.

O supervisor aparece como mais um fornecedor de "equipamentos" para o self analítico do analista, na forma de lembranças de situações semelhantes já discutidas e compreendidas em supervisões.

A teoria surge como uma fonte de dados para a formação de um modelo que possa representar a situação em curso. Mas, em tudo isto, estes terceiros precisam necessariamente funcionar como assessores silenciosos a serviço do self analítico do analista, já que ele precisa manter, como foco central, a retomada de contato com o paciente, com a experiência emocional que está vivida no aqui e agora. Afinal, conforme diz Bion (1977), "O paciente sabe muito mais sobre o que é o sentir iguala ele ou ela, do que qualquer analista. Então, é importante trabalhar com base no fato de que o melhor colega que você jamais poderá ter além de você não é um analista ou um supervisor, ou seus pais: é o paciente; esta é a única pessoa em que você pode confiar que está de posse do conhecimento vital" (p. 95).

O que eu acabei de expor é evidentemente uma situação ideal, que em geral permanece mais como uma meta assintótica. Ela se assentaria sobre um funcionamento mental do analista plenamente numa posição depressiva, onde ele aceita e reconhece sua situação de objeto separado e autônomo quanto aos terceiros, suas limitações e capacidades e pode usar estes terceiros como "objetos inspiracionais" (Meltzer, 1967) e não superegóicos, mantendo com eles uma "independência inspirada" (Meltzer, 1973, p. 94). Simultaneamente, mantém o desejo de conter e ajudar o paciente, aceitando o também como um objeto com aspectos bons e maus e separado dele, analista.

A partir desta interação harmônica e colaborativa pode, então, surgir uma saída para o momento de não compreensão, e o processo analítico volta assim ao seu curso habitual até o aparecimento de outra situação de não compreensão. A realidade, no entanto, é que não é isto o que ocorre com frequência em tais momentos, ou pelo menos nas suas fases iniciais, e entramos, assim, no que chamarei de "interações desarmônicas" com os terceiros virtuais, nos momentos de não compreensão.

#### b. Interações desarmônicas

A meu ver, estas interações desarmônicas acontecem por fatores que podem ser originários do analista em formação, dos terceiros virtuais ou de diferentes conluios entre eles, mas que, em última instância, ali na solidão do consultório, no momento de não compreensão, terão que ser lidados pelo analista.

Assim, olhando a partir de dentro do analista que é o meu objetivo neste relatório há dois fatores a serem considerados no que diz respeito às causas das interações desarmônicas com os terceiros. O primeiro é o grau de perseguição que ele vivencia quanto aos terceiros, e isto depende também de como estes, de fato, se apresentam a ele, mas sobretudo de aspectos que ele próprio projeta neles. E, neste sentido, um componente importante é o grau de inveja, ciúme e rivalidade do analista em formação em relação a estes terceiros virtuais, vivenciados em maior ou menor grau como representantes de seus objetos internos primários. Quanto mais inveja, ciúme, ódio, rivalidade, o analista sentirem relação ao seu analista didata, ao seu supervisor e aos seus professores, mais tenderá a atribuir a eles ou a reforçar características de um superego persecutório.

O outro fator refere-se ao grau de narcisismo do analista em formação, pois quanto maior for este, mais ele terá dificuldades para aceitar a dependência destes terceiros e mais tenderá, nestes momentos, a refugiar-se num mundo de suposta auto-suficiência, com idealização de seus próprios recursos e projeção, nos terceiros e no paciente, das causas e do próprio sentimento de falha. Tenderá também a ver os terceiros e o paciente como constantes ameaças aos seus sentimentos de onisciência e onipotência, como potenciais causadores ou reativadores de feridas narcísicas.

Tudo isto não exclui, conforme já referi acima, o papel que os terceiros de fato podem desempenhar no incremento ou manutenção destas interações desarmônicas dentro da mente do candidato. O analista didata pode não ter atentado e analisado suficientemente determinado aspecto importante da psicopatologia do analista em formação. O Instituto pode impor normas ilógicas. O supervisor pode ter uma atitude ou muito crítica ou demasiadamente distante, numa imitação da neutralidade analítica que não só não condiz com a função pedagógica, como também pode incrementar as tendências transferenciais do candidato em relação a ele. Há ainda a possibilidade de situações de conflitos explícitos ou velados entre os terceiros analista didata, supervisor e professores com óbvias repercussões dentro do analista em formação.

Novamente, apenas para fins de estudo, subdividirei estas interações desarmônicas em esquizoparanóides e melancólicas.

As interações desarmônicas esquizoparanóides giram todas basicamente em torno do eixo perseguição e idealização. Vejamos, então, algumas possíveis situações deste tipo.

Numa delas, muito freqüente, os terceiros virtuais ficam todos, na mente do analista, como um grupo superegóico perseguidor, ameaçando-o com alguma forma de punição, tais como a protelação indefinida da formação ou mesmo a expulsão do instituto. Ou seja, o analista estará ali, naquele momento, sentindo-se na condição de um filho ameaçado de castigo pelos pais, devido ao que sente como uma falha sua. Num nível mais profundo, isto corresponde a fantasias de ser morto, devorado, castrado, abandonado etc. pelos seus objetos primários, agora projetados nos terceiros virtuais. Ou seja, estará em evidência algum aspecto da chamada neurose de contratransferência, tão bem estudada por Racker (1953). Sendo assim, devemos agora nos perguntar, seguindo o modelo de Money Kyrle (1955), quem é o filho de quem na relação paciente-analista, já que, até certo ponto, este último sente sua vida profissional dependendo de como evoluirá o primeiro. Com este tipo de situação interna, a capacidade de continência do analista fica obviamente muito comprometida, e ele tenderia a ficar imobilizado num terror persecutório. Penso, no entanto, que o que em geral ocorre é uma projeção do objeto não digerido no paciente e uma identificação do analista com os objetos superegóicos perseguidores. Após isto, o analista estará propenso a escutar do paciente apenas aspectos maus, criticáveis, que sirvam como mote para ataques disfarçados como interpretações. Estas tenderão, por exemplo, a ser incompletas, no sentido de apontar apenas o lado agressivo dos conflitos do paciente, sem considerar a presença de aspectos amorosos.

Em outros casos o analista pode continuar com o sentimento de falha e perseguição dentro de si e tentar estabelecer alguma forma de conluio com o paciente, a fim de, ludibriando a vigilância parental, escapar do castigo fantasiado. Isto levaria o analista, por exemplo, a evitar escutar e/ou a interpretar pontos mais delicados, tais como a transferência negativa. Ou seja, neste caso, só as partes amorosas do paciente podem ser ouvidas e interpretadas.

Outras situações deste tipo esquizoparanóide podem surgir devido ao uso da idealização como uma defesa contra a situação persecutória acima exposta. Nestes casos, um ou mais, ou inclusive todos os terceiros virtuais podem ser idealizados e diferentes tendências de escuta e interpretação poderão resultar de acordo com qual ou quais os terceiros que foram

idealizados. O analista em formação, por seu turno, fica na posição de uma criança incapaz de pensar por si próprio, esperando messianicamente um salvador e, portanto, com sua função analítica muito comprometida, se não anulada.

Descrerei, a seguir, algumas destas situações e seus possíveis efeitos, sendo porém importante desde já frisar que, em todas elas, da mesma forma que na situação acima descrita, o objetivo primordial do momento, que é a retomada e manutenção do contato analítico com o paciente, fica perdido. A meta principal passa a ser a de chegar a algum acordo, a alguma forma de aplacar os terceiros perseguidores, agora idealizados.

Uma situação bem freqüente é aquela na qual o supervisor é o terceiro idealizado. Neste caso, ele aparece na mente do analista no momento de não compreensão como o portador mágico da solução, na forma de uma compreensão ou interpretação sugerida em alguma supervisão, que o analista tenderá a usar de modo mais ou menos automático, sem então conseguir considerar a peculiaridade do momento. Algumas destas interpretações podem inclusive se referir à psicodinâmica do paciente, mas não ao aqui e agora da sessão, ou seja, ficam perdidas a compreensão e interpretação do real ponto de urgência. Evidencia-se uma tendência a interpretar o que o paciente é, mas não o que ele está sendo neste momento, que é, para muitos analistas, o objetivo precípuo da interpretação.

Outras vezes o analista ainda idealizando o supervisor, silencia e adota uma expectativa messiânica de que, na próxima supervisão, terá a resposta para o que está ocorrendo. Mas, sendo assim, não só não resolverá o momento de não compreensão em curso como, mais uma vez, na sessão seguinte, tenderá a oferecer interpretações fora do timing.

Outro tipo de situação pode ocorrer quando o idealizado é o analista didata. Nesta circunstância, o analista em formação estará propenso a apegar-se a alguma interpretação que recebeu em sua análise e aplicá-la mais ou menos textualmente ao paciente, baseando-se em alguma semelhança do material. Neste caso, porém, não só a especificidade do momento, mas também a do paciente, ficam perdidas e o analista tenderá, na verdade, a apenas interpretar a si mesmo.

Há, por outro lado, a possibilidade de a teoria psicanalítica ser o terceiro idealizado. Conforme já referi, julgo a teoria imprescindível e inevitável para a compreensão do confundida com a realidade em si, e o analista tentará adequar o seu paciente à sua teoria, na verdade como um modo de evitar o contato com a experiência emocional do momento. A escuta propenderá, então, a ser tomada pelo fenômeno "Cama de Procusto", a partir do qual será ouvido apenas o que se acomoda à teoria, com a amputação do restante. As interpretações serão, obviamente, nada mais que intelectualizações. Conforme diz Money Kyrle (1955), nestas circunstâncias a intuição do analista "... fica temporariamente perdida, de tal forma que quaisquer interpretações que ele faça só podem estar baseadas em seu conhecimento da teoria que, por si mesmo, é provavelmente um substituto estéril de uma combinação frutífera de ambos" (p. 45).

Bion (1977), citando Kant, diz, nesta mesma linha de pensamento, que a intuição sem o conceito é cega, mas o conceito sem a intuição é vazio. No caso em questão teríamos, assim, interpretações vazias.

Uma espécie de "subtipo" deste caso é constituída pela idealização de algum tipo específico de interpretação, tais como as interpretações sobre ansiedade de separação na última sessão da semana. Não estou aqui questionando a existência deste tipo de ansiedade mas sim observando que, nos momentos de não compreensão, o paciente pode começar a se sentir separado, perdido, abandonado pelo analista no aqui e agora, dentro da sessão e este último, ansioso com a situação e como defesa contra ela, pode recorrer a uma interpretação "chavão" sobre a separação pelo fim de semana, idealizada então como a salvação para o momento. A verdade é que também neste caso o contato com a experiência emocional do aqui e agora estará perdido.

Há uma outra situação na qual o analista em formação idealiza-se a si próprio num movimento defensivo narcisista. Os terceiros virtuais e o paciente ficam então depositários dos seus sentimentos de incapacidade, falha e desvalorização. Sendo assim, ele tenderá a fechar-se para qualquer possibilidade de aceitação do auxílio interno dos terceiros supervisor, analista didata, teorias disponíveis bem como de verdadeiramente ouvir o seu paciente para tentar compreender o que está ocorrendo. Estará propenso a considerar que bastará pensar em si mesmo e apenas por si para resolver tudo, num estilo semelhante à famosa frase atribuída ao General De Gaulle: "Se eu quero saber o que a França pensa, eu paro... e penso!" Evidentemente, as compreensões e interpretações daí resultantes terão uma característica que poderíamos quase chamar de autistas, completamente alheias à realidade do paciente e do seu momento e fortemente tendentes, no seu conteúdo, a apontar onipotentemente ataques do paciente à onisciência do analista.

Mas há também a possibilidade de o analista idealizar conjuntamente a si mesmo e ao paciente, desvalorizando os terceiros virtuais de ambos. Nestas circunstâncias ele tenderá a vivenciar-se junto com o paciente numa espécie de "ilha narcísica", rodeada de "canibais" constituídos pelos terceiros de ambos. A transferência negativa tende, assim, a ficar ignorada e toda agressão, dificuldade e responsabilidade pelos problemas é depositada, por exemplo, nos pais ou no cônjuge do paciente, formando-se um tipo de "paranóia iatrogênica". Ao mesmo tempo, o analista ouvirá e interpretará apenas o material que possa referendar sua fantasia de que ele e o paciente constituem uma dupla perfeita, sem problemas e que resolverão tudo sozinhos e de um modo perfeito. Ou seja, ocorrerá uma dissociação da transferência e da contratransferência.

Pode também ocorrer, por parte do analista em formação, uma idealização de si mesmo, do paciente e dos terceiros virtuais, com uma negação maníaca de que está ocorrendo um momento de não compreensão, ou com uma fantasia de que a análise resolve tudo, que temos uma resposta e uma solução para todos os problemas.

Finalmente, quero-me referir brevemente às interações desarmônicas melancólicas, centradas basicamente no sentimento de irreparabilidade, que será então a causa de idéias de intratabilidade. Nestes casos o analista tenderá a ficar silencioso, mentalmente impotente e desesperançoso, com uma sensação de ser incapaz de compreender e interpretar. Ele poderá, ademais, passar a submeter-se masoquisticamente a exigências e agressões do paciente. Também será incapaz, novamente por submissão masoquista de, naquele momento de não compreensão, questionar-se sobre uma linha de compreensão que vinha sendo vista com o seu supervisor, que pode eventualmente estar errada.

Este sentimento de irreparabilidade, e portanto de não analisabilidade, pode ser também estendido ao paciente que passa então a ser visto como incapaz de lidar com a situação emocional do momento, ou mesmo de se tratar. Eventualmente, pode-se ampliar na mente do analista em formação, para todos, ele próprio, o paciente, os terceiros, a psicanálise e ele então permanecerá em silêncio, impotente, com o sentimento de que nenhum analista pode ajudar ninguém, de que a psicanálise é inútil.

#### **4. Considerações finais**

é importante sublinhar que todas as situações acima descritas relativas a interações desarmônicas com os terceiros virtuais na mente do analista em formação, irão de um modo ou de outro, influenciar o estado do paciente e, portanto, o tipo de transferência que irá desenvolver. Ele poderá perceber e reagir a estas situações na mente do analista, seja pelo conteúdo das interpretações, seja pela forma como elas serão efetuadas.

Penso que, com mais frequência do que em outras análises, nestes momentos de não compreensão ocorrem estas situações onde a necessidade de aplacar os terceiros virtuais sobrepuja o desejo de restabelecer o contato analítico com os pacientes com o paciente. Em virtude disto, estes momentos de não compreensão, na verdade, contornados e não analisados e isto pode criar uma barreira cada vez maior entre o paciente e o analista. Isto, ao meu ver, pode ser um dos fatores responsáveis pelo maior número de abandonos de tratamentos que parece ocorrer nos casos de supervisão. Por outro lado, toda esta situação pode ser negada e substituída defensivamente por um conluio permanente entre as partes do paciente e do analista que não querem enfrentar a realidade psíquica de ambos e mantêm então um simulacro de tratamento, ao invés de uma análise real. É evidente que todos estes problemas também podem ocorrer em outras análises, mas eu creio que as peculiaridades das análises de supervisão incrementam estes riscos.

Para finalizar, gostaria de dizer que considero este um tema complexo, instigante e mesmo preocupante, justificando plenamente um simpósio integralmente dedicado a ele. Mas tudo é complexo nesta nossa profissão "quase impossível". Tudo que é instituído com o objetivo de iniciar e manter o processo analítico, como é o caso do setting, assim como tudo foi criado com o fito de possibilitar e aprimorar a formação do analista, como a análise didática, a supervisão e os seminários teóricos, tudo isto pode acabar, na mente do analista, inutilizado, distorcido ou mesmo usado contra seus objetivos reais. E em meio a tudo isto, a única saída que nos resta é mantermos sempre vivo dentro de nós o desejo de conhecer (Bion, 1962) a sede de conhecimento, reconhecendo, ao mesmo tempo, que em cada um de nós - pacientes e analistas - este desejo está num constante conflito com forças internas que não só não querem pensar como odeiam o pensamento.

## Summary

Based on Money-Kyrle's descriptions of what he calls "moments of non-understanding" during the session, and adopting the point of view that the analytical situation always, necessarily involves three groups of basic components, I list a group of those components which can be described as "virtual third parties", stress those which are peculiar to the mind of the analyst in training (training analyst, supervisor, teachers, institute), and then try to study the dynamic relationship of the analyst with such components during those moments of non understanding.

In general terms, I describe harmonious collaborative and inharmonious forms of this relationship, subdividing the latter into paranoid schizoid and melancholic.

In collaborative harmonious interactions, "virtual third parties" function as silent, inspirational helpers to the analyst, in his primary task of promoting psychic changes for the purpose of the mental growth of the analysand. The inharmonious paranoid schizoid interactions with third parties basically are all focused on the persecution and idealization axis. The melancholic ones are centered on the feeling of irreparability and, consequently, the incapacity of the analyst or analysis of dealing with such moments of non understanding.

## Referências

1. BARANGER, M. e BARANGER, W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. In Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Kargieman, 1959.
2. BION, W. R. (1962). O aprender com a experiência. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
3. (1977). Conversando com Bion. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
4. BUNGE, M. Teoria e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1974.
5. CHASSEGUET SMIRGEL, J. As duas árvores do jardim. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
6. (1992). Some thoughts on the psychoanalytic situation. J. Amer. Psychoanal. Assn., 1: 3-25.
7. FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Obras psicológicas completas. Vol: XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, pp. 129-162.
8. GREEN, A. (1986). Conferências brasileiras. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
9. MELTZER, D. (1967). O processo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
10. (1973). Estados sexuais da mente. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
11. (1992). Além da consciência. Rev. Bras. Psicanálise, 26: 397-408.
12. MONEY KYRLE, R. (1955). Contratransferência normal e alguns de seus desvios. In Spillius, E. B. (org.) Melanie Klein hoje. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
13. RACKER, H. (1953). La neurosis de contratransferencia. In Estudios sobre técnica psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1979.
14. SANDLER, J. (1992). Reflections on developments in the theory of psychoanalytic technique. Int. J. Psychoanal., 73: 189-198.
15. THOMÄ, H. e KÄCHELE, H. (1985). Teoria e prática da psicanálise. Vol. 1 Fundamentos teóricos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

## Raul Hartke

Rua Dona Laura, 745/301  
90430-091 - Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise - SPPA

---

\* Relatório apresentado no painel "A mente do analista em formação: da escuta à interpretação", realizado durante o 29º Simpósio Interno dos Candidatos do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, ocorrido em dezembro de 1992.

\*\* Membro Associado da SPPA.